

O equilíbrio financeiro é delicado

Saúde complementar movimentou grande montante, mas corre o risco de não fechar a conta

Apesar do astronômico montante financeiro movimentado pela saúde suplementar no Brasil, existe o risco constante de a conta não fechar, afirma Gerson Muraro Laurito, coordenador do Conselho de Administração da Unimed-Campinas. Com dados da Agência Nacional de Saúde Suplementar (ANS), o gestor aponta que até junho de 2018, as empresas do segmento obtiveram receitas em torno de R\$ 44,9 bilhões. Contudo, as despesas do período têm valor aproximado de R\$ 36,8 bilhões, resultando em lucro de cerca de R\$ 8 bilhões.

“A taxa de sinistralidade do período foi de 82,1%”, destaca, sobre a relação entre os custos e o faturamento, que em sua concepção, viabilizam e orientam todo o sistema. Laurito informou ainda que, entre dezembro de 2016 e junho de 2018, houve uma diminuição de cerca de 40% na quantidade de empresas do setor no País. O número caiu de 1.488 para 920, segundo a ANS. “A sobrevivência no setor é muito difícil”, enfatiza.

O médico detalhou que as companhias em questão estão subdivididas em cooperativas médicas 38% (295), medicina de grupo 34% (267), autogestoras 21% (163), instituições filantrópicas 6% (46) e seguradoras 1% (9). “Além disso, existem 140 administradoras de benefícios”, completa.

A redução no número de prestadoras de serviço aliado ao crescimento, em suas palavras “pifio”, no número de beneficiários, são reflexos da crise econômica que assola o Brasil nos últimos anos. Entre junho de 2017 e junho de 2018, o número de usuários de

planos médicos privados teve saldo positivo de 3,7 milhões de adesões, segundo a ANS. No caso, houve uma ampliação de apenas 0,08%, sob os cerca de 43,4 milhões de beneficiários contabilizados em junho do ano passado. O órgão regulador indicou também um saldo favorável de 12,6 milhões de novos usuários, entre junho de 2006 e junho de 2018. Segundo Laurito, essa ampliação no número de usuários do sistema privado também deixa a desejar.

Desafios e sugestões

Laurito aponta a concorrência entre as empresas do ramo como uma dificuldade natural a ser enfrentada. Contudo, o médico esclarece que os desafios são maiores. Entre outros fatores, existe a pressão exercida por órgãos reguladores, como a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e conselhos da própria classe, por exemplo. O gestor revela ainda que a rede de fornecedores também precisa ser observada com atenção. Ele relembra a “máfia das próteses”, descoberta em 2016. Na ocasião, foi desmascarada uma organização criminosa formada por médicos e empresários que lucravam com a prescrição de cirurgias sem necessidade ou com materiais de qualidade inferior ao que era determinado. Além disso, ele classifica as alianças das indústrias farmacêuticas como um cartel, que estabelece valores demasiadamente altos para alguns medicamentos. Como exemplo, ele menciona o Spinraza, usado no tratamento da atrofia muscular espinhal. “Cada frasco custa entre R\$ 300 mil e R\$ 500 mil”, frisa. Sobre as



Gerson Muraro Laurito, coordenador do Conselho de Administração da Unimed-Campinas, faz o alerta

melhorias possíveis, Laurito pede a criação de varas especializadas em processos de saúde. Com essa medida, o gestor compreende que o Judiciário passaria a ter uma visão macro da saúde no Brasil. Fora isso, requer a utilização cada vez maior de protocolos e diretrizes médicas, entre outros.

47,2
MILHÕES

De pessoas são beneficiárias de planos de saúde no Brasil, segundo ANS

192,8
BILHÕES DE REAIS

Foi a receita das empresas de saúde complementar em 2017, segundo ANS

Cooperativa está presente em 4.686 cidades

Presente em 4.686 dos 5.570 municípios brasileiros, ou seja, 84% do território nacional, a Unimed teve lucro líquido de R\$ 2,4 bilhões em 2017. Ao todo, a operadora atende aproximadamente 18 milhões de beneficiários, sendo responsável por 37% do mercado de saúde suplementar no País. A regional de Campinas compreende 3,2% dos clientes da empresa, com carteira de 713 mil usuários, sendo distribuídos em quase 566 mil beneficiários diretos mais 150 mil oriundos de intercâmbio com autogestoras. A Unimed-Campinas tem abrangência em 13 cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC), sendo elas Artur Nogueira, Campinas, Cosmópolis, Holambra, Hortolândia, Indaiatuba, Jaguariúna, Monte Mor, Paulínia, Santo Antônio de Posse, Sumaré, Valinhos e Vinhedo. Dos quase 500 mil médicos habilitados no Brasil, em torno de 114 mil (23%) são cooperados da empresa.

“A saúde não tem preço, mas tem custo”

GERSON MURARO LAURITO

Coordenador do Conselho de Administração da Unimed-Campinas

Aprimorar a gestão é caminho para manter o SUS

Incentivar e aprimorar a gestão hospitalar é o caminho para a manutenção das unidades de saúde que prestam atendimento exclusivamente pelo Sistema Único de Saúde (SUS), segundo Antônio Gonçalves Oliveira Filho, diretor superintendente do Hospital de Clínicas (HC) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Para ele, a administração moderna no setor requer, principalmente, a revisão contínua da sistemática de trabalho, contratos e serviços. “Precisamos eliminar tudo que não agrega valor ao paciente e ao processo operacional”, ressalta, acrescentando que por meio desse acompanhamento podem ser realizadas ações pontuais impactando em um atendimento de melhor qualidade aliado a geração de economia.

Oliveira Filho salienta que o capital humano deve ser observado com atenção. “As pessoas precisam estar motivadas para trabalhar no serviço público”, destaca. “Atualmente 77% dos nossos gastos são com funcionários”, detalha, informando que em 2017, as despesas do HC totalizaram R\$ 476 milhões.

“Os hospitais universitários são centros de assistência à população e que possibilitam a formação de recursos humanos e de desenvolvimento de tecnologia para a área da



Antônio Gonçalves Oliveira Filho, diretor superintendente do Hospital de Clínicas (HC), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

saúde”, explica. O gestor comenta que o HC é referência de alta complexidade para aproximadamente 60 municípios, que juntos somam

6 milhões de pessoas. Ao todo, a unidade tem 65 mil m² de área construída. A infraestrutura conta com 405 leitos, 13 salas de cirurgias

eletivas, oito para cirurgias ambulatoriais, três para procedimentos de urgência e 150 consultórios. No local atuam mil alunos de

graduação, 700 residentes e 120 pós-graduandos.

A preservação de uma unidade dessa magnitude depende, segundo ele, da atualização da tabela SUS, que não ocorre desde 2012, da formação de parcerias público-privadas, entre outros. Oliveira Filho, entretanto, elogia o SUS. “Atualmente, é o maior sistema de transplante público do mundo”, comenta, completando que a partir da sua instituição no início dos anos 1990, a taxa de mortalidade infantil no Brasil

“Os hospitais universitários devem contribuir não apenas com a assistência aos pacientes, mas também serem parte atuante na discussão das soluções para os problemas enfrentados”

ANTÔNIO GONÇALVES OLIVEIRA FILHO

Diretor superintendente do HC da Unicamp

foi reduzida. Em contrapartida, a expectativa de vida aumentou. “Temos que levar em consideração também a evolução da medicina”, pontua, contextualizando que o SUS foi um grande avanço para o País, mas que precisa ser modernizado.

380
MIL

Consultas ambulatoriais, em média, são realizadas por ano no HC

3.250
COLABORADORES

Formam a equipe de trabalho do HC

490
TRANSPLANTES

Foram realizados no HC da Unicamp em 2017

EXPEDIENTE

fórum rac 2018

Contato: cidades@rac.com.br

Textos: Daniel Camargo
Editor: Carlãozinho Lemes

Fotos: Thomaz Marostegan
(Especial para a AAN)

Diagramação: Joaquim D. Miguel
(Especial para a AAN)

Tratamento de imagem: Eduardo Costa, Laert Silva e Marcos Marquezin